

O tempo e a história em torno de Fernand Braudel

Time and history in Fernand Braudel

LOPES, Marcos Antônio (org.). *Fernand Braudel: tempo e história*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, 184p.

Alessandra Soares Santos

Doutoranda

Universidade Federal de Minas Gerais

alessandrast@ufmg.br

Rua Nísio Batista de Oliveira, 159/303 – São Lucas

30240-510 – Belo Horizonte – MG

Brasil

Palavras-chave

Fernand Braudel; Tempo histórico; Teoria da história.

Keywords

Fernand Braudel; Historical time; Theory of history.

305

Enviado em: 8/6/2011

Aprovado em: 28/6/2011

Por que ler Braudel hoje? É antecipando esta indagação que Marcos Antônio Lopes nos apresenta a coletânea de ensaios sobre a obra de Fernand Braudel (1902-1985), organizada por ele e publicada pela primeira vez em 2003, ainda como parte das comemorações do centenário do historiador francês. A atualidade de Braudel no interior da cultura historiográfica brasileira e latino-americana – fato comprovado pela existência de inúmeros artigos sobre o pensamento histórico de Braudel e pelas edições cada vez mais comuns de seus livros em língua portuguesa – é a resposta do organizador que justifica sua reunião de artigos. Ainda que a coletânea tenha a marca da obra comemorativa, apresentando-se como uma homenagem à moda acadêmica, não abre mão do espírito crítico no exame da vida e da obra de Braudel e se credencia como mais uma contribuição de Lopes ao campo da história intelectual.

O livro pretende oferecer uma análise abrangente da obra de Braudel com o objetivo de estimular a leitura direta de sua extensa produção. As questões sobre as relações entre a sua vida e a sua obra, sobre a preocupação com a unidade teórica de seus escritos, sobre a influência da experiência brasileira em seus estudos, bem como sobre os conceitos e métodos fundamentais que norteiam a sua teoria da história, estão presentes no conjunto dos doze ensaios que compõem o livro, assinados por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Entretanto, os textos não possuem uma disposição temática ou cronológica na coletânea, o que faz com que haja uma concentração de artigos em torno da longa duração e da análise de *O Mediterrâneo*. Um diálogo mais estreito entre os textos talvez pudesse ter evitado a repetição de certos temas e contemplado a abordagem de outros tantos, enriquecendo ainda mais a contribuição destes estudos ao leitor especializado.

No ensaio de abertura da coletânea, Maurice Aymard faz um grande retrospecto da vida e da obra de Braudel para encontrar sua “diretriz de unidade”. Para o autor, os três livros mais importantes do historiador francês corresponderiam a três estágios diversos de sua vida. *O Mediterrâneo* seria o resultado do trabalho de um jovem historiador imerso nos arquivos do século XVI e confrontado com a realidade da Argélia e do Brasil. Os três volumes de *Civilização material, economia e capitalismo*, concebidos na maturidade, seriam frutos das pesquisas do já respeitado líder dos *Annales*, reconhecido inclusive por um grande público não acadêmico. *A identidade da França* foi uma obra inacabada que fez parte do período de sua aposentadoria, quando as dificuldades para concluí-la já eram sabidas desde o início. Para Aymard, o homem e o historiador estavam, pois, unidos em Braudel através de “uma enorme ambição pela história” e de “uma clara consciência de seus limites”. Embora a análise seja orientada por esta busca de uma unidade entre vida e obra, resultando, por vezes, em conclusões reducionistas, tem o mérito de valorizar a capacidade de Braudel para compreender o seu tempo, atribuindo sua originalidade a esta sensibilidade para entender o presente.

Após conhecer aspectos relevantes da vida e da trajetória intelectual de Braudel, o leitor da coletânea embarca na análise de questões específicas da

obra do historiador francês. Em seu artigo, Antônio Penhalves Rocha busca na história da própria obra de Braudel os pressupostos teóricos que nortearam a produção de *Civilização material, economia e capitalismo*, já que eles não foram elaborados no próprio livro. Rocha busca n' *O Mediterrâneo* a tripartição do tempo que permitiu a Braudel identificar a vida material com a longa duração, a economia de mercado e o capitalismo com as mudanças lentas, e os eventos das economias-mundos com a curta duração. Para o autor, Braudel demonstrou no livro *Civilização material, economia e capitalismo* que a pluralidade dos tempos da história poderia ser encontrada em outros níveis históricos, como na economia, e não somente na relação homem/meio ambiente abordada n' *O Mediterrâneo*. A longa duração, portanto, não seria pré-determinada pela teoria, mas se manifestaria na prática da pesquisa histórica. Para Rocha, além disso, ao se apropriar de um objeto da etnologia – a *vida material* ou *civilização material* – Braudel estaria colocando em prática a criação de um “mercado comum” das ciências sociais, argumento que tinha ajudado a tornar cordial sua rivalidade com Lévi-Strauss na década de 1950.

Foi partindo desse confronto da história com as ciências sociais, traduzido nos desafios lançados por Lévi-Strauss à história e na resposta dada por Fernand Braudel com a longa duração como estrutura, que François Dosse apontou para os “efeitos” dessa nova história braudeliana. O artigo, publicado originalmente na revista *Espaces Temps* em 1987, é resultado de sua reflexão crítica sobre o momento vivenciado pela historiografia naqueles anos, quando houve um esforço notável para redistribuir as relações de força entre a história e as ciências sociais, inclusive com a reformulação das regras da troca interdisciplinar. Para Dosse, Braudel preparou o terreno para a “terceira geração” dos *Annales*, na qual o passado passou a ser estudado a partir do ponto de vista do etnólogo. Não obstante a abertura de novos campos de pesquisa, Dosse questiona se o discurso histórico não teria ficado a cargo da antropologia e se esta não teria, finalmente, desbancado a história. Segundo ele, o ponto de vista da longa duração acabou integrando de tal forma o indivíduo aos processos e às estruturas sociais que ele deixou de ser compreendido como sujeito da história. A partir da sua consideração de que nada se pode fazer contra o peso do passado, a não ser tomar consciência dele, Braudel minorou o papel do homem como força coletiva. Como consequência, consolidou-se uma concepção pessimista do destino do mundo, na medida em que o homem não exerce controle sobre sua própria historicidade. A história estava pagando o preço de sua metamorfose.

No artigo de Eliana Regina de Freitas Dutra é a especificidade da ideia de estrutura de Braudel em *O Mediterrâneo* que está em jogo. A autora destaca as ambiguidades da sua concepção em relação aos cânones do estruturalismo. Se, por um lado, Braudel entende a estrutura enquanto possuidora de um caráter de sistema, tal como as mais clássicas abordagens estruturalistas, por outro, ele não ignora os processos temporais nem os eventos exteriores que interferem nas totalidades mais estáveis. Mas na sua concepção, a convergência e a solidariedade

das diferentes durações só são possíveis porque compartilham a mesma escala, a do tempo do mundo, o tempo da história. Outra ressalta que, tendo o tempo como o elemento unificador da grande estrutura, Braudel acaba negando a diferença, a irregularidade, a ruptura de seu conceito de tempo histórico. A estrutura unificada foi estabelecida como um princípio pelo autor e acabou retirando toda a complexidade da realidade histórica. Se os críticos consideraram que o ponto fraco da obra de Braudel era justamente esta incapacidade de estabelecer a unidade postulada através da teoria das durações, para a autora, o triunfo da heterogeneidade foi uma “vingança da história” contra uma ontologia cientificista que poderia fazer com que o tempo se desintegrasse na ilusão de uma intemporalidade.

Essa transformação da percepção do tempo pelos cientistas sociais também foi tratada por Immanuel Wallerstein. Ele aborda a questão a partir da forma como os cientistas sociais e os físicos lidam com o tempo. O modelo newtoniano de ciência teria imposto a concepção da reversibilidade dos processos físicos, atestando que as relações fundamentais não mudariam nunca, visto que o tempo e a duração não exerceriam nenhum efeito sobre elas. Outras perspectivas científicas, como a do químico e físico Ilya Prigogine e a dos cientistas sociais, entretanto, falam e fazem uso do tempo e da duração. Para Wallerstein, tanto Braudel quanto Prigogine foram responsáveis pela transformação da relação dos cientistas com o tempo. Se Braudel reintroduziu o conceito de “longa duração” como instrumento epistemológico indispensável às ciências sociais, Prigogine retomou a ideia da “flecha do tempo” como instrumento epistemológico indispensável às ciências naturais. O autor buscou os pontos de inflexão que aproximam um do outro. A mecânica newtoniana está para Prigogine como a história acidental está para Braudel, mas nenhum deles, segundo Wallerstein, procurou erradicar o anterior para substituir pelo novo: ambos permaneceram no terreno do “terceiro não excluído”: o tempo e a duração simultaneamente.

Se o artigo de Wallerstein tende a valorizar como inovadoras as transformações operadas por Braudel na relação dos historiadores com o tempo, o ensaio de Marcos Antônio Lopes faz uma ponderação importante ao destacar que estas mudanças na percepção do tempo já eram propostas desde as primeiras contribuições de Marc Bloch e Lucien Febvre. Os antecessores de Braudel na revitalização da disciplina histórica, segundo Lopes, já tinham transformado a concepção linear da temporalidade. Se Bloch e Febvre não teorizaram sobre o tempo da história, como fez Braudel, é preciso reconhecer que suas obras trazem implícita uma sensível compreensão do tempo histórico. Lopes lembra que “antes mesmo de Braudel formular a sua original teoria dos tempos múltiplos (...), o tempo da história já não mais se reduzia à pura e simples cronologia ou mesmo a periodizações esquemáticas de historiadores metódicos” (LOPES 2008, p. 93). A afirmação não diminui a importância da contribuição de Braudel, pois se podemos perceber facilmente as linhas de continuidade entre Bloch, Febvre e Braudel, não devemos estabelecer uma

relação mecânica entre suas ideias. Antes de ingressar no círculo de influência *annaliste*, a "longa duração" já estava sendo gestada por Braudel. Além disso, sua percepção das profundas conexões entre o tempo e o espaço foram de fato inovadoras e o colocam, na concepção de Lopes, na posição de figura maior dos *Annales*.

É com o segundo ensaio de Maurice Aymard que a reflexão abandona momentaneamente o tema da longa duração e a referência maior de *O Mediterrâneo* para tratar de outro importante conceito braudeliano, o de civilização. Mais do que expor as considerações de Braudel sobre o tema, Aymard parece defender a operacionalização do conceito de civilização para pensar a realidade contemporânea. Sua preocupação incide sobre a recusa da uniformização cultural, política e econômica que, sob o seu olhar, aparece nas formas dos fundamentalismos religiosos ou ideológicos. São essas manifestações extremas que o impelem a defender a civilização, ao mesmo tempo em que repudia a simples homogeneização cultural. Como, então, conciliar a aceitação da diversidade, reconhecendo o outro em sua diferença e, ao mesmo tempo, defender a homogeneidade inerente à ideia de civilização? Para Aymard, é preciso considerar as variadas definições do termo sem, no entanto, escolher de antemão qualquer uma delas. O diálogo caberia aos "mediadores", aos "guias culturais qualificados" que seriam os dotados da capacidade de compreender as diferenças, mas também de ajudar a superá-las através da proposição de equivalências e da manutenção do diálogo entre as diferentes culturas.

309

Na coletânea em homenagem a Braudel, coube a José Carlos Reis convidar os críticos da teoria das temporalidades para provocar a polêmica. Em seu ensaio, o autor dialoga com J. C. Perrot, Claude Lefort, Kinser, Paul Ricoeur, F. Fourquet, P. A. Rosenthal e J. Hexter. Com eles, questões importantes para a problematização da obra de Braudel são levantadas. Ele é chamado de determinista, eurocêntrico, hierárquico e teleológico; é acusado de não precisar o seu conceito de estrutura, de não dar uma unidade de sentido às análises que apresenta e de não resolver o problema historiográfico que ele mesmo propõe, que é o da articulação dos fenômenos duráveis com os de mudança rápida. Para os críticos, a obra máxima de Braudel, *O Mediterrâneo*, não foi paradigmática, pois não teve paralelo entre os *Annales*. Para Reis, entretanto, uma concepção mais flexível do conceito de paradigma poderia nos levar a pensar a obra de Braudel como uma matriz disciplinar dos *Annales*, na medida em que os trabalhos que se seguiram se inspiraram em sua linguagem, em seus temas e fontes, em sua noção de tempo histórico, em seu padrão de qualidade. Reis reconhece que esta foi uma influência difusa e que a história global se transformou em uma utopia epistemológica, mas leva em consideração que a intenção de Braudel nunca foi "aprisionar espíritos" em sistemas fechados. Assim, a história pós-braudeliana teria tomado direções diversas, como a história serial, a história estrutural e a história acontecimental.

Ao abordar em seu ensaio o capitalismo anterior à Revolução Industrial, tema central de Braudel em *Civilização material, economia e capitalismo*, Carlos

Antônio Aguirre Rojas põe em debate os vínculos entre capitalismo e modernidade. Se o modo de produção capitalista e a sociedade burguesa moderna coincidem quanto ao seu momento de emergência histórica e são ambas influenciadas pelo complexo conjunto de revoluções das estruturas de longa duração, seus desenvolvimentos não se confundem. A modernidade pode ser explicada como o resultado principal destas transformações estruturais, mas também ela é a causa que possibilita a prosperidade do capitalismo. O principal exemplo do esquema tripartite de Braudel – civilização material, economia de mercado e capitalismo – estaria na explicação da Revolução Industrial. Sob um ponto de vista peculiar, Braudel afirma que essa revolução só foi possível pela maior força e presença social que o capitalismo adquiriu entre os séculos XIII e XVIII e que essa potência só foi possível pela mercantilização generalizada da sociedade e pelo florescimento e expansão da “economia de mercado”. Rojas ainda destaca que Braudel se mantém fiel à tese da dependência geral da vida econômica com relação à vida ou civilização material, pois tal mercantilização é interpretada como resultado do desenvolvimento excepcional dessa mesma vida material através do conjunto de revoluções de longa duração que dominaram as sociedades europeias. Portanto, se a modernidade não é simples superestrutura do capitalismo e tampouco é idêntica à civilização, Rojas conclui apostando na existência de modernidades não capitalistas capazes de se realizarem após o fim do capitalismo através de diversos caminhos civilizatórios.

Com o ensaio de Fábio Duarte Joly, o Mediterrâneo volta à cena através da reflexão sobre a sua unidade produzida por Braudel. O autor lembra que Braudel não se dedicou apenas ao Mediterrâneo do século XVI, mas que deixou estudos sobre ele desde a pré-história até a Antiguidade, reunidos em *Memórias do Mediterrâneo*. Joly procura mostrar que a principal linha de força da narrativa de Braudel nestes estudos foi a busca pela unidade do Mediterrâneo, pela descoberta do momento em que é possível falar que esse mar se tornou unificado.

Nos dois últimos ensaios da coletânea, Braudel se aproxima do Brasil através de duas vias diversas. No segundo ensaio de Carlos Antônio Aguirre Rojas, a história da civilização latino-americana aparece como a comprovação do êxito da expansão da civilização europeia. O autor se propõe tratar da conexão entre a economia-mundo europeia e o subcontinente latino-americano a partir do papel específico da América na constituição inicial do capitalismo e do problema do impacto que esta conexão teve no processo de construção étnico-demográfica da civilização latino-americana. Nesse ponto, o leitor poderia se perguntar onde Braudel entra na história. É no próprio ponto de vista de Rojas, que segue a linha de interpretação braudeliana, que o historiador francês se manifesta. No contexto de formação do mercado mundial capitalista e de universalização da história, a América ajuda a inaugurar a história moderna do mundo, pois é através dos seus metais que se explicam o desenvolvimento e o auge da economia-mundo europeia na Idade Moderna. É através das estruturas

de longa duração que Rojas pretende encontrar os principais processos que configuram as identidades da América Latina atualmente, seja através do impacto das disputas demográficas, das migrações ou da escravidão.

A coletânea se encerra com um artigo de Luís Correa Lima sobre a trajetória intelectual de Braudel no Brasil e as marcas que esta passagem deixou em sua obra. Seja nas aulas e palestras realizadas na USP ou nos artigos publicados no jornal O Estado de S. Paulo, Lima mostra que o Brasil e a América Latina foram objeto de estudo de Braudel por quase vinte anos. A influência maior da experiência brasileira no trabalho do historiador francês, segundo o autor, pode ser encontrada na própria busca das permanências e da história lenta nas diversas manifestações da vida material.

Após mergulhar no mundo de Braudel através desta coletânea de textos sobre tempo e história, o leitor se familiariza com as dimensões e o alcance da obra de Fernand Braudel, considerado quase unanimemente o maior historiador e pensador social do século XX. A nova chave metodológica inaugurada por ele, sua teoria das temporalidades e, particularmente, sua perspectiva da longa duração, foi o fio condutor que explicou não só a sua contribuição teórico-metodológica à história, mas também suas atitudes pessoais e suas diversas expressões intelectuais. Mas para além dessa perspectiva geral, cada artigo presente na coletânea oferece de uma maneira particular suas razões para tornar a obra de Braudel uma leitura obrigatória ainda hoje.